

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE PSICOLOGIA

MICHEL RODRIGUES GUIMARÃES

A EXPERIÊNCIA DE ADOÇÃO POR CASAS HOMOAFETIVOS NO BRASIL:
Expectativas, impacto emocional e representações sociais do processo de adoção

UBERLÂNDIA
2022

Michel Rodrigues Guimarães

A EXPERIÊNCIA DE ADOÇÃO POR CASAIS HOMOAFETIVOS NO BRASIL:
Expectativas, impacto emocional e representações sociais do processo de adoção

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

Orientador: Prof. Dr. Airton Pereira do Rêgo Barros

UBERLÂNDIA

2022

Michel Rodrigues Guimarães

A EXPERIÊNCIA DE ADOÇÃO POR CASAS HOMOAFETIVOS NO BRASIL:

Expectativas, impacto emocional e representações sociais do processo de adoção

Banca examinadora

Uberlândia, 11 de agosto de 2022.

Prof. Dr. Airton Pereira do Rêgo Barros

Universidade Federal de Uberlândia – Uberlândia, MG

Prof^ª. Dr^ª. Ana Paula de Ávila Gomide

Universidade Federal de Uberlândia – Uberlândia, MG

Me. Nayana Finholdt Shimaru Almeida

Uberlândia, MG

UBERLÂNDIA

2022

Dedico esse trabalho a todos os homossexuais que se aventuraram pela adoção e que vivem, diariamente, as vicissitudes da parentalidade.

Agradecimentos

Meu maior agradecimento presto aos meus queridos pais, que enxergaram em mim o potencial necessário para lutar por meus desejos e sonhos, por acreditarem nas minhas aventuras e por possibilitarem que eu as vivesse. Agradeço ao meu pai pelo carinho e pelo conforto, com quem encontrei forças para chegar até aqui e para continuar minhas próximas aventuras, e à minha mãe, meu outro grande exemplo, que com muito afeto, promoveu minha individualidade e independência para que eu pudesse desfrutar da vida.

Aos meus irmãos maiores, Nélio e Willie, serei eternamente grato pelo acolhimento. Obrigado por se importarem comigo, por me amarem, por serem meus maiores exemplos de humildade e simplicidade. Agradeço à Emilly, minha linda irmã, pelo respeito que pudemos ter um pelo outro, pelos abraços que pudemos nos oferecer, pelo amor que pudemos sentir e pela fraternidade que pudemos construir juntos.

Aos meus queridos amigos, agradeço o companheirismo, a intimidade, doçura, honestidade, por serem verdadeiros parceiros em minha vida, e por terem partilhado comigo, com muita sensibilidade, sua amizade. Em meio a todas as nossas lembranças, nossa amizade sempre perseverou. Guardo-lhes com todo o amor que eu poderia sentir.

Ao meu orientador, Airton Barros, que exigiu sempre o melhor de mim, que despertou meu interesse pela pesquisa, lhe agradeço com muito respeito por ter adotado esse trabalho comigo. Também sou muito grato aos professores com os quais convivi nessa fase final do curso de graduação, vocês me inspiraram profundamente, e meu carinho por vocês é enorme.

Por fim, agradeço imensamente à Universidade Federal de Uberlândia por possibilitar o espaço de voz à pesquisa e à diversidade, por promover a cultura, a ciência e o respeito às questões aqui levantadas.

“Acho que também aprendi algo sobre o amor. Não é igual para todo mundo. Pode ter muitas formas diferentes. O que pode haver de errado com uma vida se for vivida com quem você ama?”

Anne Cordelia Shirley-Cuthbert

RESUMO

Apesar da visibilidade da adoção homoparental na atualidade, a trajetória do tema é marcada também por processos de preconceito, sofrimento e exclusão social. Com isso, a realidade das famílias homoafetivas é caracterizada pela luta por reconhecimento e legitimidade no cenário adotivo brasileiro. Diante esse contexto, a presente pesquisa investigou a experiência de casais homoafetivos no processo de adoção brasileiro, buscando observar quais são suas expectativas, impactos emocionais e representações sociais sobre este tema. Participaram do estudo 11 sujeitos membros de casais homoafetivos, sem limite de idade ou critérios de gênero, que adotaram ou estavam em processo de adoção de uma ou mais crianças no Brasil até o momento da realização do estudo. Os participantes responderam um questionário sociodemográfico e uma entrevista estruturada com questões abertas sobre a experiência da adoção e seu impacto emocional. Os dados coletados na entrevista foram analisados pela Técnica de Análise de Conteúdo Temática. Os Resultados evidenciaram as seguintes categorias de análise: Concepção Social sobre a Adoção Homoparental; Sociedade, Preconceito e Adoção Homoparental; Expectativas sobre o Processo de Adoção; e Impactos Emocionais e Experiências do Processo de Adoção. Portanto, buscou-se traçar o cenário vivenciado pelos casais homoafetivos no processo de adoção, evidenciando os impactos emocionais, inseguranças e sofrimentos decorrentes do processo. O estudo demonstrou que casais homoafetivos possuem o desejo pela parentalidade, evidenciando uma intensa imersão afetiva no processo. Torna-se nosso imperativo promover voz aos casais homoafetivos que desejam adotar e expressar o desejo pela parentalidade.

Palavras-chave: Adoção, Casais Homoafetivos, Homoparentalidade, Processo de Adoção.

ABSTRACT

Despite the visibility of homoparental adoption today, the trajectory of the theme is also marked by processes of prejudice, suffering and social exclusion. Thus, the reality of homoaffective families is characterized by the struggle for recognition and legitimacy in the Brazilian adoptive scenario. Given this context, the present research investigated the experience of same-sex couples in the Brazilian adoption process, seeking to observe what their expectations, emotional impacts and social representations are on this topic. Eleven members of same-sex couples participated in the study, with no age limit or gender criteria, who had adopted or were in the process of adopting one or more children in Brazil at the time of the study. Participants answered a sociodemographic questionnaire and a structured interview with open-ended questions about the adoption experience and its emotional impact. The data collected in the interview were analyzed by the Thematic Content Analysis Technique. The Results showed the following categories of analysis: Social Conception on Homoparental Adoption; Society, Prejudice and Homoparental Adoption; Expectations about the Adoption Process; and Emotional Impacts and Experiences of the Adoption Process. Therefore, we sought to trace the scenario experienced by homosexual couples in the adoption process, highlighting the emotional impacts, insecurities and suffering resulting from the process. The study showed that homosexual couples have a desire for parenthood, showing an intense affective immersion in the process. It becomes our imperative to promote a voice for homosexual couples who wish to adopt and express the desire for parenthood.

Keywords: Adoption, Homoaffective Couples, Homoparenthood, Adoption Process.

Listas de tabelas

Tabela 1 – Questionário sociodemográfico dos participantes do estudo.....	21
Tabela 2 – Categorias de Análise.....	23
Tabela 3 – Categoria 1: Concepção Social sobre a Adoção.....	24
Tabela 4 – Categoria 2: Sociedade, Preconceito e Adoção Homoparental.....	27
Tabela 5 – Categoria 3: Expectativas sobre o Processo de Adoção.....	31
Tabela 6 - Categoria 4: Impactos Emocionais do Processo de Adoção.....	33

SUMÁRIO

1 Introdução.....	11
2 Objetivos.....	19
2.1 Objetivos Gerais.....	19
2.2 Objetivos Específicos.....	19
3 Método.....	19
3.1 Aspectos Éticos.....	19
3.2 Campo de Investigação.....	20
3.3 Participantes.....	20
3.3.1 Critério de Inclusão.....	21
3.3.2 Critério de Exclusão.....	21
3.4 Instrumentos.....	22
3.5 Procedimentos de Análise.....	22
4 Resultados e Discussão.....	23
5 Conclusão.....	36
6 Referências.....	38

1 Introdução

A prática da adoção por casais homoafetivos na contemporaneidade tem crescido significativamente devido a um aumento gradativo no número de formalização deste tipo de união no Brasil. Segundo levantamentos anuais do IBGE, o Brasil conta com cerca de 60 mil famílias constituídas por pessoas do mesmo sexo, e mais de 5 mil novas uniões são formadas a cada ano (Cerqueira-Santos, 2019; Santos, Araújo, Negreiros & Cerqueira-Santos, 2018). Entretanto, apesar dessa visibilidade, a adoção homoparental ainda enfrenta inúmeros desafios para se consolidar como um direito constitucional, respaldado por leis específicas, e se tornar um tema amplamente discutido na literatura científica, visto que, desde os últimos 20 anos, ainda existe muito silêncio a respeito do assunto (Blankenheim, Oliveira-Menegotto & Silva, 2018; Rodrigues & Toscano, 2017; Silva, Souza & Fernandes Eloi, 2017).

Sabe-se que a luta homossexual pela garantia de direitos ao casamento e à adoção é marcada por uma trajetória de preconceito, sofrimento e exclusão social, e, ainda hoje, o tema é alvo de resistências que reprimem esta causa jurídica (Santos et al., 2018). Segundo Píedrahita e Muñoz (2017), na América Latina, várias tradições socioculturais de discriminação social são percebidas em países como Argentina, Colômbia, Uruguai, Brasil e Chile, onde o posicionamento político é afetado por questões morais e religiosas que interferem e repudiam a prática adotiva por casais homoafetivos. Entretanto, essa pesquisa aponta que algumas comunidades, como é o caso da Colômbia, têm buscado estratégias de enfrentamento às autoridades do cenário político que, de alguma forma, tentam impedir o direito à homoparentalidade, buscando democraticamente transformar o projeto político e possibilitar o acesso dessas pessoas à adoção.

Em outras regiões, como os Estados Unidos, a prática homoparental de adoção é uma decisão levada em conta por milhões de estadunidenses, todavia, mais de 30% das agências tendem a recusar casos de homoparentalidade em virtude de leis pouco concisas que aumentam

a insegurança jurídica para esses casos (Gates, Badgett, Macomber, & Chambers, 2007; Kenyon et al., 2003). Essa realidade não se diferencia tanto no que tange às dificuldades vivenciadas no Brasil, pelo fato de que os casais homoafetivos brasileiros também sofreram com a incerteza do processo adotivo e o desamparo na legislação, a qual deve contemplar as mudanças sociais acerca de novas composições familiares e defender os interesses das famílias homoparentais perante a comunidade (Teixeira & Lima, 2018).

Grande parte dos países europeus, até o ano de 2006, já haviam aprovado alguma lei que regulamentasse a adoção por casais do mesmo sexo, como Espanha, Bélgica, França, Países Baixos, Suécia, Dinamarca, Islândia e Noruega (do Espírito Santo, 2014). Nesse sentido, no Reino Unido, vários atos e políticas públicas que buscaram integrar a homoparentalidade no contexto legislativo da adoção contribuíram com um certo crescimento no número de famílias homoparentais adotantes, tornando o sistema adotivo britânico mais favorável à população homossexual, uma vez que o sucesso de vários casais homoafetivos no processo adotivo inspirou o desejo pela adoção em outros casais, como é descrito por Wood (2017).

No entanto, as reivindicações de direitos e de reconhecimento da adoção de crianças por casais homoafetivos resultaram em possíveis mudanças de paradigmas e no surgimento de pensamentos que visam a igualdade de direitos para a população LGBTQIA+ (Machin, 2016). Ademais, a persistente presença da homoparentalidade na realidade brasileira atual tem trazido positivas transformações no imaginário social a respeito da adoção por pessoas do mesmo sexo, e o amparo judicial, apesar de ainda não ocorrer de forma ideal, se mostra cada vez mais concreto e acolhedor para esses casos (Lima, 2017; Santos et al., 2018). Em concordância com estes autores, Pedra (2012) também afirma que o fortalecimento da homoparentalidade tem contribuído com o movimento de se repensar os valores familiares e as relações de parentesco em diferentes perspectivas sociais, mostrando que podem existir formatos não tradicionais de

família pautados em reciprocidade e afeto, para além da composição familiar centrada no homem, sua esposa e filhos.

Como parte dessa reflexão, entende-se que há pouco tempo os direitos ao casamento e à adoção foram conquistados pelo movimento LGBTQIA+ e formalmente integrados no sistema legislativo brasileiro. Essa dificuldade histórica de se ter um espaço no contexto adotivo reflete em um processo de invisibilidade e exclusão que desperta muitas angústias e inseguranças em casais homoafetivos hoje em dia.

Nesse sentido, afirma-se que:

[...] o reconhecimento atual dos direitos dos homossexuais tem um efeito de reconhecimento de casais que já existiam, contestando assim a ideia de que o casal homoparental é uma novidade na configuração familiar, posição encontrada na maioria dos textos que tratam da homoparentalidade. Assim, podemos pensar que a homoparentalidade não é necessariamente uma novidade, mas que a novidade está em seu reconhecimento e visibilidade. (do Espírito Santo, 2014).

Para um aprofundamento da discussão, o conceito tradicional de família já foi alvo de debates em diversos contextos, e, ainda hoje, é um dos fatores que, hierarquicamente, normatizam as relações de parentesco atuais na sociedade ocidental contemporânea. Para Machin (2016), a noção de família está relacionada à ideia de uma rede dinâmica de afetos entre os membros no ambiente doméstico, e pode ter aspectos variados de acordo com a camada social a ser considerada.

Dessa forma, pode-se inferir que o conceito de família é de difícil definição em virtude do seu caráter plural, já que não versa apenas sobre um formato específico de família, mas pode tomar configurações diversas à medida que são estabelecidos os vínculos afetivos entre seus membros (Pimentel, 2016). Entretanto, a experiência familiar e a ideia de família ainda são intrinsecamente atravessadas pela heteronormatividade, ou *heterossexism*, como descrevem Ryan e Berkowitz (2009), que estrutura uma concepção específica de família como normal e

obrigatória, e que gera certo estranhamento social em relação às famílias homoparentais (da Silva Filho, 2017; Silva, Sousa & Fernandes-Eloi, 2017).

Como afirmam Ribeiro, Martins e Teixeira Filho (2017), existem diversos discursos hegemônicos que associam a constituição da parentalidade à ordem do biológico e da procriação, que enaltecem a conjugalidade heterossexual, segregando papéis de gênero, em que se tem uma maternidade alinhada ao amor e ao carinho materno, e uma figura paterna que seria um homem rigoroso e provedor da família. Nesse sentido, pensar sobre famílias compostas por laços de afeto, e não biológicos, é também uma forma de se colocar em questão o paradigma da família heteronormativa, bem como tensionar a configuração das relações de parentesco pautadas no laço biológico. Diante disso, percebe-se que a homoparentalidade ainda sofre os efeitos de forças coercitivas que buscam normatizar o conceito de família (Rodriguez, 2017).

Tendo isso em vista, o projeto da parentalidade adotiva, em geral, é composto por planos que sofrem interferências de diversos valores culturais e simbólicos associados ao ideal de família, como também surge de várias fantasias de pertencimento tanto dos adultos como da criança. Nas palavras de França (2001), a adoção “é o final feliz para o qual confluem duas histórias: a de uma criança, desprotegida e desejante de amor, e a de um casal impossibilitado de descendência e desejoso de dar amor” (p. 79). Para ambos os lados, a expectativa de formar uma família e se sentir pertencido a ela está envolta pela necessidade de cuidado, afeto e amor, pois, anteriormente ao nascimento ou à adoção, a criança já é envolta pela imaginação e pelo discurso parental (Lipp, Mello & Ribeiro, 2011), e ela endereça aos pais o desejo de se sentir amparada.

Além dessas fantasias, de acordo com Ribeiro, Martins e Teixeira Filho (2017), “muitos(as) optam pela adoção como uma forma de ‘substituir’ o(a) filho(a) biológico(a) não gerado(a)” (p. 39). Assim, levando em consideração uma supervalorização da matriz biológica na constituição familiar, como foi discutido anteriormente, os autores apontam que a ausência

de laços biológicos entre os membros da família impacta de maneira diferente entre homens e mulheres. No trabalho de Ribeiro, Martins e Teixeira Filho (2017), coloca-se em debate a representação de infertilidade para as pessoas, concluindo que isso gera nas mulheres o sentimento de inferioridade, de ser uma mulher incompleta, enquanto nos homens, essa situação está representada pela impotência sexual e pela falta de virilidade que é atribuída ao homem heterossexual (Ribeiro, Martins & Teixeira Filho, 2017). Desse modo, pode-se pensar, a partir destes constructos, que existe uma generalização social que determina a homossexualidade como incompatível com a vida familiar, uma vez que ela representaria uma ameaça para a perpetuação da família consanguínea, sendo assim, os homossexuais, incapazes de constituir famílias e estabelecer laços de parentesco (Corrêa, 2012).

Em contrapartida aos limites desta perspectiva, a prática da adoção é difundida atualmente na literatura científica como uma prática de constituição familiar dissidente, isto é, que busca superar e se diferenciar destas ordens normativas pelo fato de colocar em destaque o poder da escolha e do afeto no processo de filiação, tornando possível que homossexuais se enveredem na parentalidade (Ribeiro, Martins & Teixeira Filho, 2017). Para Rodriguez (2017), a adoção homoparental representa uma forma de elaboração do sofrimento causado pela homofobia e discriminação diante da sociedade. Por isso, entende-se que a constituição de uma família por pessoas do mesmo sexo demonstra ser fortemente influenciada pelo desejo individual de pertencer a um grupo familiar que seja legítimo e valorizado na comunidade em geral (Rodriguez et al, 2015, como citado em Silva, Sousa & Fernandes-Eloi, 2017).

Acredita-se que, com o movimento LGBTQIA+, foi possível para os homossexuais conquistar o lugar de casais desejantes de filhos, e buscou-se, assim, desmistificar a errônea ideia de que os homossexuais não demonstravam interesse pela parentalidade (Freires, Loureto, Rezende & Soares, 2021). Ainda segundo Freires et al. (2021), com essa visibilidade, procura-

se dissolver estigmas muito difundidos na sociedade brasileira de que sujeitos homossexuais não possuem determinada competência parental para o cuidado com os filhos.

Em um estudo realizado por Zambrano (2007), constatou-se que grande parte dos noticiários apresentados pela Folha de São Paulo, até aquele ano, a respeito de casos concretos de homoparentalidade eram referentes a casos de pais gays ou transgêneros. De acordo com Zambrano (2007), “para o jornal, a parentalidade lésbica é mais ‘naturalizada’ e invisibilizada socialmente, enquanto as parentalidades gays e transgênero são mais ‘impactantes’, possuem maior ‘valor’ de pauta” (p. 325), apesar da grande relevância da maternidade lésbica no contexto científico. Nesse viés, Machin (2016) percebe que a vivência da maternidade de mulheres lésbicas é socialmente imaginada como semelhante à experiência de mães não-lésbicas, uma vez que é esperado da mulher o clássico papel de cuidado, como se as mulheres tivessem, de forma inata, as qualidades necessárias para serem capazes de cuidar de uma criança. No caso de pais gays, a paternidade transgride as expectativas que existem sobre o gênero masculino, ou seja, para além da incapacidade de cuidar, a paternidade gay é marcada pela mancha da monstruosidade, sendo associada até mesmo à pedofilia. Compreende-se, portanto, que o imaginário social, quando diz respeito às famílias constituídas por pais gays e transgêneros, é tocado na ordem do estranhamento, do insuportável.

Sendo assim, é a partir da visibilidade do tema que podemos (re)afirmar que a homossexualidade, bem como é o caso das questões de gênero, não deve ser visualizada como um fator que determina a experiência da parentalidade ou a capacidade de se desempenhar um bom papel de mãe ou pai, ao passo que não há comprovações de que o fator da sexualidade interfere na função parental de exercer cuidado e afeto, em nenhum tipo de família (Rodriguez, 2017; da Silva Filho, 2017). Com amplas discussões e exposições sobre o assunto no contexto social e acadêmico, bem como com a conquista do suporte legislativo, tornou-se possível

provocar transformações no cenário da adoção homoparental, criando, assim, um espaço acolhedor para novas formas de constituição familiar.

Apesar das conquistas do ativismo no que tange a adoção homoparental, como também a própria homossexualidade, a visibilidade desses temas também trouxe à tona algumas manifestações homofóbicas que contribuíram para esse estranhamento e a exclusão destas pessoas, como apontam Freire e Cardinali (2012): “Tal consequência perversa da visibilidade se faz sentir, por exemplo, na resistência do Poder Legislativo em assumir sua responsabilidade constitucional na construção de uma sociedade tolerante” (p. 58).

De acordo com Pedra (2012), a criminalização da homofobia no Brasil demonstrou ser uma maneira viável de promover não só o acolhimento à população afetada, mas garantir relações internacionais positivas no contexto da Organização das Nações Unidas (ONU) e da defesa dos Direitos Humanos, em que o Brasil pode ser condenado por discriminação caso seja omissa com a legislação. Com isso, igualmente à questão da legalização da adoção homoparental anteriormente discutida, a existência de uma lei que criminaliza violências de cunho homofóbico deve prevenir a impunidade e colaborar com o desmantelamento de um sistema opressor que, por muito tempo, colocou a população LGBTQIA+ à mercê de uma vida insalubre e marginalizada.

Não há como negar os impactos provocados na família homoparental por esse encontro, entre o desejo pela adoção e o campo sociocultural, encontro este que expõe o triste cenário brasileiro de violências que grande parte dos homossexuais constantemente sofrem no nosso país por conta da homofobia. O desamparo e as violações de direitos vivenciadas pelos homossexuais em sociedade remontam um cenário de homofobia que nem sempre se manifesta através da violência física, como afirma Pedra (2012): “[...] muitas vezes, isso acontece de forma tão natural, que algumas pessoas sequer percebem” (p. 17).

Nota-se que é importante continuarmos a refletir sobre os estigmas que a sociedade construiu acerca da homoparentalidade para que possamos buscar novos horizontes de reconhecimento e pertencimento no que tange a constituição de famílias. Segundo Cerqueira-Santos (2019), os homossexuais possuem vivências muito específicas em seus relacionamentos e na vida familiar quando comparadas às vivências heterossexuais, experiências que englobam questões de desamparo tanto na legislação como dentro de suas próprias famílias de origem. Como foi apresentado anteriormente, o tema da adoção homoparental se mostra valioso para este e futuros estudos à medida que essas experiências contam sobre uma longa luta por reconhecimento de direitos à adoção por parte de casais homoafetivos, marcada por medo e insegurança, e é importante que a literatura científica crie espaços para essas narrativas e colabore com a possibilidade da homoparentalidade no nosso país.

Em virtude do amplo cenário da adoção homoparental no Brasil, o presente trabalho demonstra ser relevante na medida em que investiga a experiência de pais e mães homossexuais ao se inserirem no contexto adotivo brasileiro, ao passo que visa não só compreender as vivências enfrentadas por essa população nesse processo, mas também, elaborar caminhos e estratégias de acolhimento e amparo para os sofrimentos emergentes. A literatura científica, como foi previamente apresentada, revela progressos fundamentais na direção do respaldo legislativo para a efetivação da adoção homoparental, embora também aponte para um cenário de preconceitos arraigados no imaginário social a respeito da associação entre homossexualidade e parentalidade.

Portanto, com esta pesquisa de campo, espera-se que os casais homoafetivos tenham expectativas negativas acerca do processo de adoção, com a hipótese de que este venha a causar um forte impacto emocional nesses casais, como sendo uma fonte de estresse e afetando até mesmo a qualidade da saúde mental desses sujeitos. Espera-se que as representações sociais sobre o processo de adoção homoparental estejam ancoradas em discursos e saberes tanto no

âmbito jurídico quanto no ativismo pelos direitos civis das pessoas LGBTQIA+. Intui-se, ainda, que estas representações sociais sejam formadas através de experiências de preconceito e discriminação. Outrossim, supõe-se que existam expectativas positivas sobre a experiência da adoção.

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo Geral

O estudo tem como objetivo geral compreender como o processo de adoção por casais homoafetivos no Brasil é vivenciado e elaborado psicologicamente a partir da perspectiva desses casais.

2.2 Objetivos Específicos

1. Identificar e analisar as expectativas dos casais acerca do processo de adoção;
2. Avaliar como o processo de adoção afeta o estado emocional dos pais;
3. Aprender as representações sociais do processo de adoção homoparental a partir da perspectiva dos pais.

3 Método

3.1 Aspectos Éticos

A presente pesquisa foi autorizada e encontra-se cadastrada no Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Uberlândia (CEP-UFU), sob o parecer n. 5.163.279. Também foi oferecido aos participantes suporte psicológico caso os temas abordados pelos instrumentos afetassem seu bem-estar e estado psicológico.

3.2 Campo de investigação

A pesquisa foi realizada na internet através das redes sociais como Facebook, Twitter e Instagram e de seus fóruns de debates sobre o tema, como também através do método bola de neve, onde um participante do estudo indica novos participantes que atendam aos critérios de inclusão da amostra e, assim, sucessivamente. Desse modo, os participantes do estudo foram abordados e convidados a participar da pesquisa também pelo ambiente virtual. Optou-se por uma metodologia remota com o intuito de ampliar o alcance regional do recrutamento de participantes, para que a pesquisa não se restringisse ao contexto de Uberlândia.

3.3 Participantes

Participaram do estudo 11 pessoas membros de casais homoafetivos, sem limite de idade ou critérios de gênero, que adotaram ou estavam em processo de adoção de uma ou mais crianças no Brasil até o momento da realização do estudo. Foi utilizado o critério de saturação de análise para delimitação do tamanho da amostra. De acordo com Morse (1994) e Creswell (1998) apud Ribeiro, Souza e Lobão (2018), com apenas 20 – 30 participantes é possível chegar à saturação da análise de entrevistas em pesquisas qualitativas. Entretanto, a adesão à pesquisa foi menor em comparação ao número esperado de participantes no critério de saturação, em virtude das dificuldades enfrentadas para o recrutamento dos participantes e para assegurar que os membros dos casais homoafetivos recrutados efetivamente respondessem os instrumentos.

O convite para participar da pesquisa foi realizado pelas redes sociais acima citadas, meio pelo qual também lhes foi enviado o link para o formulário de participação. O TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido) foi devidamente apresentado aos participantes da pesquisa na primeira página do formulário, pois estes só teriam acesso ao questionário sociodemográfico e a entrevista caso concordassem com o termo de consentimento.

Tabela 1: Dados Sociodemográficos dos participantes do estudo

Gênero	N	Média
Feminino	2	
Masculino	9	
Idade		36
Estado civil		
Solteiro(a)	2	
Casado(a)	9	
Número de filhos		
0	2	
1	4	
2	3	
3	2	
Escolaridade		
Curso Superior	7	
Pós-Graduação	1	
Especialização	1	
Mestrado	1	
Doutorado	1	
Situação socioeconômica		
Boa	5	
Média	5	
Má	1	
Valor da renda mensal		13.950,00

3.3.1 Critérios de inclusão

Para serem aceitos no estudo, os participantes deveriam: a) fazer parte de uma união homoafetiva estável; b) ter adotado uma ou mais crianças no Brasil; c) ter iniciado um processo de adoção no Brasil a pelos menos 6 meses.

3.3.2 Critérios de Exclusão

Foram excluídos do estudo os participantes que: a) não fazem parte de uma união homoafetiva estável; b) não estejam participando ou tenham participado de um processo de adoção de uma ou mais crianças no Brasil; c) tenham iniciado o processo de adoção a menos 6 meses.

3.4 Instrumentos

Para a realização da pesquisa foram utilizados: a) um questionário sociodemográfico com questões objetivas a respeito das características pessoais, étnicas, econômicas, de gênero e sobre os trâmites legais do processo de adoção e b) uma entrevista estruturada com questões abertas sobre a experiência da adoção e seu impacto emocional.

3.5 Procedimentos de análise

Os dados obtidos pelo questionário sociodemográfico foram analisados através de sua frequência e média. Já os dados obtidos por meio das entrevistas estruturadas foram analisados pela Técnica de Análise de Conteúdo Temática (Bardin, 2004).

4 Resultados e Discussão

Com o intuito de realizar a análise dos dados obtidos através dos instrumentos da pesquisa, foram elaboradas 4 categorias e 13 subcategorias empíricas, segundo sua constituição temática, a partir do grau de elaboração simbólica e de suas características mais relevantes.

Tabela 2: Categorias de Análise

Categorias	Perguntas	Definição
1. Concepção Social sobre a Adoção Homoparental	<p>O que você pensa sobre o tema da adoção de crianças por casais homoafetivos no Brasil?</p> <p>O processo de adoção é mais difícil para os casais homoafetivos? Explique sua resposta.</p>	Busca investigar o imaginário dos participantes a respeito do tema da adoção homoparental na realidade brasileira.
2. Sociedade, Preconceito e Adoção Homoparental	<p>A adoção de crianças por casais homoafetivos sofre preconceito no Brasil? Explique sua resposta.</p> <p>O que você acha que a sociedade brasileira pensa a respeito da adoção de crianças por casais homoafetivos?</p> <p>Por que a sociedade pensa assim?</p> <p>De onde vêm as ideias que influenciam o pensamento da sociedade?</p> <p>Na sua opinião, o que é necessário para mudar a concepção social sobre o tema?</p>	Busca investigar se e como os participantes observam o preconceito contra a adoção homoparental no Brasil.
3. Expectativas sobre o Processo de Adoção	<p>O que você esperava vivenciar ao participar de um processo de adoção?</p> <p>As experiências que você viveu ou está vivendo ao participar de um processo de adoção são diferentes das expectativas que você tinha? Se sim, diferentes de que forma?</p>	Busca investigar o que os participantes esperam do processo de adoção no Brasil.
4. Impactos Emocionais e Experiências do Processo de Adoção	<p>Você sofreu alguma situação de preconceito ou discriminação durante o processo de adoção? Descreva a situação e o que você sentiu.</p> <p>O processo de adoção causou algum impacto emocional em você? Descreva o que você sentiu e vivenciou.</p> <p>Você pensou em desistir da adoção? Explique sua resposta.</p> <p>Se você já adotou uma criança, descreva a experiência de ser pai/mãe numa relação homoafetiva.</p> <p>Conte-nos que estratégias você usou para superar as dificuldades durante o processo de adoção.</p>	Busca investigar que impactos emocionais e vivências os participantes tiveram ao se inserirem no processo de adoção brasileiro.

Tendo em vista a categorização realizada a partir das perguntas e respostas dos participantes à entrevista estruturada, apresentada na Tabela 2, e diante da possibilidade de realização da Técnica de Análise de Conteúdos Temática, foi possível traçar um caminho de análise ramificado a fim de observar que expectativas e experiências são expressas pelos participantes e apresentar o cenário da adoção homoparental no Brasil a partir de seu discurso.

Dessa forma, a Tabela 3 apresenta a categoria concepção social sobre a adoção homoparental, subdividida em 3 subcategorias, assim segregadas com o intuito de elencar os principais elementos do imaginário dos participantes sobre o tema, conforme demonstrado a seguir:

Tabela 3: Categoria 1: Concepção Social sobre a Adoção Homoparental

Categoria	Subcategorias	Definição
Concepção Social sobre a Adoção Homoparental	Reconhecimento Social e Legitimidade	A adoção homoparental está envolvida em lutas por uma maior aceitação social.
	Informação e Divulgação	O tema deve ser mais divulgado para que a sociedade tenha mais conhecimento sobre a adoção homoparental.
	Processo de Adoção Igualitário	O processo de adoção é igual para todos.

A primeira subcategoria, reconhecimento social e legitimidade, remonta um discurso que acredita que as famílias compostas por casais homoafetivos estão envolvidas em uma constante luta por maior aceitação e reconhecimento no contexto social, conforme os relatos a seguir:

É uma luta dupla, pela questão do abandono que a criança vivencia e pelo reconhecimento social da família homoafetiva. As mães e os pais têm uma dupla luta

a advogar pela criança: sua condição de adoção e a aceitação perante a sociedade da constituição da família homoafetiva. É um direito conquistado e uma luta diária de sua inclusão ... Temos que demonstrar que somos cada vez mais capazes.

Estes trechos revelam que a adoção homoparental é marcada pela necessidade de se dissolver alguns processos de exclusão enfrentados no meio social, uma vez que as famílias homoafetivas enfrentam diversos estigmas e discriminações sociais nesse contexto, apesar do respaldo legal e jurídico envolvido nesse processo. As respostas obtidas para essa subcategoria colocam em evidência os constantes enfrentamentos pelos quais essas pessoas passam na convivência em sociedade, deixando expostas não só as dificuldades de reconhecimento e aceitação social, mas também marcas de desamparo e falta de suporte na sociedade e em suas famílias de origem (Cerqueira-Santos, 2019).

Por isso, entende-se que, para estas famílias, é muito significativo o engajamento em pautas ativistas e na reivindicação dos seus direitos pela adoção, buscando ampliar e colaborar com discussões a respeito do tema, como podemos observar na subcategoria informação e divulgação. De acordo com os relatos dos participantes, o tema da adoção homoparental é um assunto que: “precisa ser melhor conversado e divulgado ... Deveria ter mais ações, pois muitos ainda desconhecem ou têm muito receio ... Importante de ser abordado, deveria ter mais divulgação”.

Levando em consideração o que os participantes acreditam e imaginam sobre o cenário da adoção homoparental no Brasil, a informação e o conhecimento acerca desse assunto, bem como sua explanação perante a sociedade, mostram ser vias possíveis para promover a aceitação e o reconhecimento social almejados, e diminuir as resistências sociais à possibilidade de casais homoafetivos adotarem.

A terceira subcategoria evidencia a ideia de que processo de adoção por homossexuais no Brasil é igual para todos, conforme observado nos relatos obtidos a seguir: “Não encontrei barreiras ou dificuldades que outros casais não tenham experimentado ... Normal para com

os demais casais ... não senti nenhuma diferença de tratamento no fórum ... é da mesma forma independente da sexualidade”.

Quando questionados se o processo de adoção é mais difícil para os casais homoafetivos, um dos participantes responde:

Sempre imaginei que pudesse ser, mas realmente nunca tive nenhum indício de que isso é real. Sempre questiono esse ponto com o Fórum (Psicóloga e Assistente Social), e tenho respostas satisfatórias. Ok, existe um processo, existe um banco de dados nacional, mas também existem pessoas por trás desse processo. Não tenho garantias de que tenha alguma dificuldade por ser casal homoafetivo.

Contudo, embora a maioria dos participantes concorde que não há inequidade no processo adotivo brasileiro, é possível identificar diferenças na forma como esse processo é vivenciado por casais homoafetivos em comparação a outros casais. Sabe-se que a conjugalidade homoafetiva e a homoparentalidade são fenômenos relativamente recentes, marcados pelo anonimato devido aos duros processos de exclusão ao qual os homossexuais foram submetidos. Portanto, segundo Ribeiro, Martins e Teixeira Filho (2017), a vivência familiar homoafetiva demanda esforço psíquico para suportar o enfrentamento de preconceitos que estruturam as relações sociais nas quais sujeitos homossexuais estão inseridos. Os participantes apontam para uma igualdade no processo adotivo, entretanto relatam, ao longo da entrevista, diversas situações discriminatórias experimentadas durante esse processo.

Como será possível observar nas categorias adiante, a homofobia aparece no discurso dos participantes como uma das principais forças que interferem no processo de adoção, provocando sofrimentos e inseguranças envolvendo a autocobrança e o cansaço, como no relato: “Às vezes, é cansativo por perceber que isso se torna mais uma questão para quem é de fora do que para as crianças que crescem super adaptadas com a situação e lidam de forma

tranquila”. O que corrobora com a ideia de que a adoção entre homossexuais, por mais que protegida legalmente e judicialmente, é mais sinuosa em comparação à experiência de heterossexuais, justamente por envolver enfrentamentos específicos.

Adiante, na Tabela 4, estão evidenciadas subcategorias cujos temas têm o intuito de investigar e expor o modo como os participantes vivenciam e observam o preconceito na sociedade contra a adoção homoparental no Brasil.

Tabela 4: Categoria 2: Sociedade, Preconceito e Adoção Homoparental

Categoria	Subcategorias	Definição
Sociedade, Preconceito e Adoção Homoparental	Incompetência Parental	Crença social na impossibilidade de casais homoafetivos de se tornarem pais e mães e exercerem o papel parental na família.
	Influência da Orientação Sexual	Crença social de que a sexualidade dos pais influenciará no cuidado com os filhos.
	Biologismo e Ideologias Religiosas	Crença social pautada na noção de família tradicional cristã constituída, inicialmente, por um homem e uma mulher.

Na subcategoria incompetência parental, é apresentado um aspecto do imaginário social a respeito da adoção homoparental importante de ser levado em consideração nessa análise, que remonta a crença social de que casais homoafetivos são incompatíveis com a parentalidade, pois estão à parte da configuração parental normativa. Isso se manifesta nos relatos dos participantes, como por exemplo, “Nosso país hoje vive uma intensa crise política e moral. Falta respeito à constituição onde todos são iguais perante a lei, fora as crenças limitadoras que impõem uma família pseudo tradicional”. Quando questionados se a adoção de crianças por casais homoafetivos passa por algum tipo de preconceito na sociedade, todos eles confirmam,

embora alguns relatam não ter vivenciado alguma situação assim. Em algumas de suas afirmações, constava-se que:

Sim, pelo fato de que existe o preconceito sobre a família constituída por casais homoafetivos ... Certamente. Acompanho casais homoafetivos com filhos pelas redes sociais e vejo comentários bastante preconceituosos ... Acredito que tenha a preocupação da falta: de uma mulher (ou homem), de expor a criança num universo "sujo" ... Sim e muito, a sociedade ainda é muito arcaica, muitos ainda abominam, julgam, amaldiçoam, perseguem e até matam casais homossexuais.

Corrêa (2012) percebe que a família homoparental é alvo de muitos questionamentos preconceituosos que associam a orientação sexual do casal à falta de capacidade de exercer o papel parental. Sobre o pensamento da sociedade em torno da adoção homoparental, um dos participantes acredita “Que é absurda. Que homossexuais não podem ter filhos pois não configuram uma família”, e isso demonstra o quando ainda existem marcas de estranhamento e resistência da sociedade a essas novas configurações familiares que emergem de um cenário de exclusão e que buscam redefinir estas normas. Podemos notar no relato:

Acho que ainda existe muito preconceito, com base em especial, na questão de ter que haver um pai e uma mãe como garantia de saúde mental da criança. Penso que já tivemos grandes evoluções, mas estamos a largas distâncias de ser algo aceitável.

Na subcategoria influência da orientação sexual, é colocada em questão a crença social de que a sexualidade dos pais exerceria influência direta sobre o destino da sexualidade dos filhos, entretanto, não há evidências científicas que consolidem essa predição, tal como afirmam estudos (Toledo Neto, 2021; Rodriguez, 2017; da Silva Filho, 2017). Em um estudo que buscava compreender as representações sociais dos brasileiros quanto à adoção homoparental (Santos et al., 2018), tem-se o relato de um participante que acredita não existir fundamento na ideia de que uma criança adotada por homossexuais seria influenciada pelos pais a se tornar

homossexual, uma vez que, nesse sentido, casais heterossexuais teriam somente filhos heterossexuais, o que não corresponde com a realidade.

Em concordância com Corrêa (2012), entende-se que existe, no imaginário social sobre a adoção homoparental, três principais mitos sobre o tema, sendo eles:

- a) O medo de que a ausência da figura paterna/materna dificulte uma adequada aquisição dos papéis de gênero; b) O medo de que os filhos de gays e lésbicas sejam necessariamente homossexuais. Este mito omite que a maioria de gays e lésbicas vem de famílias heterossexuais; c) O mito de que gays e lésbicas são potenciais abusadores e vão abusar sexualmente de seus filhos. (Corrêa, 2012, pp. 45-46).

A partir da perspectiva dos participantes, conclui-se que, pelo imaginário social, na homoparentalidade não há capacidade de se oferecer cuidado e amparo à criança adotada. Podemos perceber isso no relato, quando questionados do porquê a sociedade pensa assim: “Que não vamos conseguir, que a criança vai sofrer por ter pais homossexuais e aprenderem a ser também”. Compreende-se que a sociedade desenvolveu certa rejeição à homossexualidade, rejeição esta que se manifesta justamente através do mito de que a criança assumiria uma homossexualidade por vias perversas, persuadida pela influência malevolente dos pais.

Na terceira subcategoria, entende-se por biologismo como uma vertente ideológica que compreende as relações de parentesco como sendo constituídas a partir de uma matriz biológica, ou seja, o pertencimento da criança a uma família é definido por fatores biológicos e sexuais reprodutivos, em que a conjugalidade heterossexual se mostra a única via possível da constituição familiar (Figueira, 2013; Corrêa, 2012). Como Machin (2016) nos apresenta, as funções paternas e materna são compostas pelos papéis de gênero, ou seja, o homem e a mulher desempenham funções distintas na parentalidade, confluindo com a ideia tradicional de que essa dinâmica conjugal proporcionaria o amparo e cuidado necessários à criança fruto dessa relação.

Para além do fator biológico, a noção de família também é marcada pelas ideologias religiosas hegemônicas que resistem ao processo de transformação do conceito de família, e se colocam em constante repressão a essas novas configurações familiares. Essa exclusão está orientada pela intensa repulsa à homossexualidade difundida no contexto religioso, como também entre figuras públicas que trazem discursos preconceituosos contrários à conjugalidade homoafetiva e à homoparentalidade, pela via do pecado, da abominação, do proibido (Pessôa & Ramos, 2017).

Trabalhar a temática da adoção homoparental envolve repensar os padrões de gênero que configuram um tipo de família ideal, considerado adequado e correto, sendo esse aspecto um dos motivos para tantas resistências sociais às famílias que não se constituem por modelos tradicionais heteronormativos. Nesse sentido, de Oliveira e Musacchio (2018) compreendem as relações de parentesco para além do viés biológico, em que a constituição familiar também pode ser baseada nos laços afetivos, evidenciando o vínculo que se funda no convívio entre os membros de uma família. Os relatos a seguir demonstram a percepção dos participantes quanto ao assunto levantado nesta subcategoria, e quando questionados do porquê a sociedade possuir perspectivas preconceituosas, os participantes respondem:

[...] Trata-se de biologismo ... Preconceito, falta de informação, tradicionalismo. O conceito do que é família ainda é calcado na família tradicional cristã ... Existe uma ideia de que famílias são constituídas por pessoas cis, sendo um papai e uma mamãe, uma vovó e um vovô, uma tia e um tio. Isso se faz presente, inclusive, em desenhos e programas, onde a criança com dois pais e duas mães não tem uma referência, uma identificação ... [...] as pessoas ainda têm muito preconceito e perguntas estúpidas do tipo quem é a mulher, quem vai dar de mamar, entre outras ... Falta de conhecimento ... Preconceito passado entre gerações ... Devido ao cristianismo ... Preconceito arraigado.

A Tabela 5 apresenta a terceira categoria, expectativas sobre o processo de adoção, elencada para investigar o que os participantes esperavam vivenciar nesse processo.

Tabela 5: Categoria 3: Expectativas sobre o Processo de Adoção

Categoria	Subcategorias	Definição
Expectativas sobre o Processo de Adoção	Tempo de Espera	Expectativa dos adotantes por um processo mais rápido, prático e melhor esclarecido quanto à espera.
	Visita às Instituições	Expectativa dos adotantes de visitar as instituições de acolhimento às crianças.

A primeira subcategoria é a mais marcante no discurso dos participantes em virtude de que a grande maioria elegeu o tempo de espera como um dos principais fatores de ansiedade e estresse durante o processo de adoção. Quando questionados o que eles esperavam vivenciar nesse processo, obtivemos os seguintes relatos:

A espera por uma criança é longa (em especial nas condições que colocamos para adoção: idade em especial) ... Acreditei que fosse acontecer num tempo menor, ou que ao menos, tivéssemos uma noção de onde estamos na fila de adoção, quantas crianças estão disponíveis ou prestes a ter a destituição do poder familiar (que torna aqui nessa comarca o processo ainda mais demorado por considerarem mais seguro) ... Maior celeridade por parte do judiciário e equipe técnicas do judiciário e instituições de acolhimento treinadas e dispostas a também vivenciar a adoção, ter empatia, vocação e conhecimento técnico e prático da adoção no Brasil ... O processo demorou muito além do necessário devido à falta de profissionais na comarca e a grande demanda de serviço que acumula aos poucos profissionais ativos.

A incerteza e a falta de informações a respeito de quando a adoção será concretizada provoca esse lugar de desamparo em certos pontos, desde o lado dos pais, desejantes de acolher afetivamente um filho, como também pela perspectiva da criança, que aguarda a possibilidade

de se inserir em uma família. Nesse sentido, o longo tempo de espera e as barreiras burocráticas existentes no processo de adoção geram sentimentos de desistência por parte dos adotantes, levando-os a optar por tecnologias de reprodução que simplificariam o processo de filiação (Toledo Neto, 2021).

Um outro fator que diz sobre as expectativas dos participantes da pesquisa a respeito do processo de adoção, elaborado na segunda subcategoria, diz respeito à esperança de que os candidatos pudessem visitar as instituições de acolhimento. Esse contato com a criança na instituição abrigadora aparenta ser muito desejado entre pais e mães que buscam a adoção como forma de filiação, na expectativa de que os laços afetivos possam se fortalecer antes mesmo da adoção ser propriamente concretizada.

O vínculo afetivo com a criança é um dos principais fatores que possibilitam uma adoção de acontecer e, através das visitas às instituições, os casais vislumbram uma forma de desenvolvê-lo. A falta dessas visitas quebrou essas expectativas dos pais de se colocarem próximos às crianças e, quando questionados sobre o que esperavam vivenciar no processo de adoção, os relatos trouxeram essa falta: “Visitar as instituições de acolhimento ... Achei que haveria visita a casa de adoção”. A importância destas visitas para casais homoafetivos ainda é muito incerta, uma vez que não é relatado por eles o motivo de não as haver e a literatura não versa profundamente sobre esse aspecto. Além disso, por estarmos cientes de cenários de insegurança e homofobia presentes nas vivências de adoção de diversos casais homoafetivos no Brasil, é importante investigar, em futuras pesquisas, a razão das visitas às instituições não se concretizarem.

De maneira geral, os participantes consideram o processo de adoção muito doloroso e conturbado, uma vez que coloca em evidência situações de estresse, ansiedade, medo e inseguranças vivenciadas por eles. Segundo seus relatos, é possível notar certa insatisfação com o sistema adotivo atual: “[...] a expectativa sempre foi de um processo menos moroso ... Um

processo prático com orientações claras quanto ao que estava ocorrendo ... Na teoria tudo é lindo e aromatizado. A prática é louca ... Mais demorado e doloroso que imaginei”.

A quarta e última categoria elaborada se trata dos impactos emocionais do processo de adoção, como exposta na Tabela 6.

Tabela 6: Categoria 4: Impactos Emocionais do Processo de Adoção

Categoria	Subcategorias	Definição
Impactos Emocionais do Processo de Adoção	Preconceito	Vivências de preconceito no registro civil e no espaço familiar.
	Problemas emocionais e psicológicos	O processo provoca grande preocupação nos adotantes em relação à espera, à adaptação e ao cuidado com os filhos.
	Desistência da Adoção	O rigor do processo exige dos adotantes muita dedicação e espera, provocando sentimentos de desesperança.
	Estratégias Frente às Dificuldades do Processo de Adoção	Os adotantes buscaram lidar com os desafios do processo através das redes de apoio e do acompanhamento psicológico, desenvolvendo o diálogo com o(a) parceiro(a).
	Completude e Satisfação	A adoção gerou relações parentais muito positivas marcadas por intensa satisfação, afeto e aprendizados.

Na subcategoria preconceito, agrupou-se as respostas mais marcantes que trouxeram à tona vivências de preconceito durante a entrada no processo adotivo. É compreendido que muitos casais homoafetivos, quando inseridos em um processo judicial de adotar uma criança,

estão à mercê de inúmeros fatores que impossibilitam a concretização da adoção. Podemos eleger alguns destes fatores, como por exemplo, o desamparo legislativo, a falta de visibilidade a respeito do tema, as dificuldades burocráticas comuns a todos os casais que se candidatam à adoção. Todavia, há um fator que é peculiar e exclusivo ao caso da adoção homoparental: o enfrentamento da homofobia, seja no contexto familiar de origem, em sociedade, como também dentro do próprio contexto judicial no processo de adoção.

Ao serem questionados se sofreram alguma situação de preconceito ou discriminação durante o processo de adoção, a maioria dos participantes responde que não. Esse é um dado positivo a respeito do quanto o processo tem se tornado cada vez mais possível para casais homoafetivos. Entretanto, ainda é possível se deparar com algumas experiências de exclusão e sofrimento que fazem emergir condições de desamparo que aparentam ter se tornado parte da vida de pessoas homossexuais, como nos seguintes relatos em resposta a esta pergunta:

Na hora do registro civil da minha filha, a escritã se recusou a princípio por ser evangélica, a cumprir a ordem judicial e causou empecilhos ... Diretamente, não. Mas já tiveram comentários de familiares relativamente próximos com insinuações discriminatórias, tanto pela adoção em si quanto por ser um casal homoafetivo. Comentários sutis. Por ser da família, me fez me sentir vulnerável e sabendo que tenho uma guerra grande a enfrentar.

Um outro fator que marca as vivências dos participantes no processo adotivo, são os problemas emocionais e psicológicos provocados nesse momento da adoção. Mais de 70% dos participantes afirmam que seu estado emocional e psicológico foi afetado pelo processo adotivo, e os problemas psicológicos mais assinalados foram, em ordem decrescente: ansiedade, estresse, nervosismo e medo. Ao serem questionados que impactos emocionais foram causados pelo processo, obteve-se os relatos:

Sim, é um processo que causa muita ansiedade. Qualquer contato do Fórum, por exemplo, reacende a esperança de que o filho está a caminho. É decepcionante não ter

informação alguma, é frustrante a demora ... Eu me senti muito solitária com uma gravidez invisível e ainda vivenciando o luto da barriga ... Muitos positivos e muitos negativos. Ter a percepção de que o mundo é cruel e os meus filhos terão que ser criados em uma base forte para lidar com tanto preconceito por exemplo. Mas também muitos sentimentos bons e de esperança também.

A desistência da adoção, título da terceira subcategoria da Tabela 6, emerge como uma das consequências decorrentes da vivência adotiva, colocando em evidência os impactos e desafios enfrentados pelas famílias que se candidatam à adoção no Brasil. A partir dos dados obtidos pela entrevista, é possível afirmar que a maioria dos participantes não manifestou sentimentos de desistência durante o processo de adoção, e foi possível, ainda, perceber um movimento de imersão e dedicação dos participantes no processo: “gestei todos os dias minha filha, um ano e um mês ... amadurecemos muito a ideia antes de qualquer coisa ... eu já penso em adotar mais um”.

Contudo, um dos participantes relatou sentimentos muito profundos a respeito do cansaço e da desesperança experimentados durante a espera pela possibilidade de adotar. É notório que o processo adotivo demanda um investimento integral do sujeito que a ele se dedica, em meio a tantos outros fatores inerentes à questão da homoparentalidade, conforme o trecho:

Tenho pensado muito. O processo moroso compete com a minha idade. Hoje, com 46 anos, ainda esperar por uma criança que irá exigir muita dedicação, muita energia por muitos e muitos anos nos faz questionar. Qual o limite de espera? Até quando terei energia? Assim, a vida vai correndo, tomando outros rumos, fazemos novas escolhas e de alguma maneira, a adoção vai ficando para trás. A vida também não para. Seguimos por outros caminhos.

Na quarta subcategoria, estratégias para lidar com as dificuldades do processo de adoção, buscou-se considerar como os participantes lidaram com os momentos mais desafiadores do processo de adoção, que são inúmeros, estando, essa subcategoria, diretamente

relacionada com as problemáticas apresentadas pelos participantes anteriormente. As principais estratégias por eles elencadas, em ordem de frequência de respostas, respectivamente, foram: diálogo do casal, busca por informação, rede de apoio e acompanhamento psicológico. A cumplicidade do casal e a busca por conhecimento aparecem como as principais fontes de determinação para que o processo de adoção seja efetivado, buscando a construção de um espaço seguro, concreto e propício para a experiência homoparental.

Por fim, para a composição da última subcategoria do presente trabalho, os participantes foram convidados a descrever a experiência de ser pai ou mãe em uma relação homoafetiva, o que evidenciou sentimentos intensos de completude e satisfação, vide os relatos:

Amor inexplicável, saio pra trabalhar e fico pensando a todo momento quando devo retornar para vê-la ... É uma sensação maravilhosa, difícil achar uma palavra que descreva tamanha alegria de ter uma filha no meu caso, nossas vidas mudam completamente ... Hoje sou um pai. Um homem completo. É tanto amor que não consigo explicar o tamanho do afeto que temos por uma criança ... É a experiência maior e mais frutífera da minha vida. É amor que não se explica, não se entende, apenas vivência. E cai por terra vários mitos para mim, como "filho do coração", ela é minha filha. Filha real.

5 Conclusão

No intuito de contribuir com o avanço na compreensão acerca da temática da adoção homoparental, o presente estudo pôde apresentar um panorama geral das experiências de casais homoafetivos submetidos ao processo de adoção no Brasil, levando-se em consideração suas expectativas, o impacto emocional e suas concepções a respeito desse processo. A partir da análise das informações obtidas, e com base na literatura de referência, ficou claro que a experiência homoparental ainda é fortemente marcada por processos históricos de preconceito

que se desvelam na sociedade, embora a legislação e a jurisdição busquem proteger o direito à adoção por casais homoafetivos.

Com essa investigação, obteve-se respostas que puderam contribuir com a comunidade científica e estimular a realização de mais pesquisas acerca dessa temática, a fim de que o conhecimento sobre o assunto seja mais vasto para que possam ser traçadas estratégias de acolhimento mais efetivas para os casais homoafetivos. Novas pesquisas se mostram relevantes uma vez que os participantes relatam sofrimentos objetivados através da ansiedade, do medo e insegurança decorrentes do processo de adoção.

Apesar da hipótese de que os casais pudessem ter expectativas negativas em torno do processo de adoção, a pesquisa revelou que suas expectativas eram boas, apenas um participante esperava maior resistência no processo. O longo tempo de espera e a incerteza perante a demora se mostraram fatores de intenso desgaste emocional nos participantes da pesquisa, levando-os a considerar o processo muito moroso e pouco prático. Sendo assim, o estudo corrobora com a hipótese de que o processo de adoção venha a afetar a saúde mental desses sujeitos, embora por motivações burocráticas do próprio processo, e não por fatores discriminatórios. Ademais, as expectativas dos participantes em torno da adoção eram positivas, e a adoção representa para eles uma forma de elaborar o sofrimento causado pela homofobia.

No campo metodológico, o estudo encontrou dificuldades em captar um maior número de participantes, necessário para a realização de um trabalho mais abrangente que possibilitaria a aplicação de outros instrumentos de coleta e análise de dados. O número reduzido de casais participantes pode limitar a amplitude das representações sociais a respeito do tema, portanto o estudo fica restrito a uma análise breve da realidade de casais homoafetivos no processo de adoção.

O estudo teve, como uma de suas implicações práticas, apresentar um panorama das concepções sociais a respeito do tema da adoção homoparental, as quais desconsideram a

legitimidade destas famílias. Diferentemente destas representações, o estudo mostra que casais homoafetivos nutrem o desejo pela parentalidade e demonstram capacidade e dedicação ao exercê-la. Sendo assim, foi possível notar que a experiência de adoção dos casais participantes é marcada por expectativas de aceitação e reconhecimento social, e de que haja maior divulgação de informações perante a sociedade acerca da família homoafetiva. Tendo isso em vista, o estudo confirma a hipótese de que as representações sociais sobre o processo de adoção homoparental estejam ancoradas em discursos do âmbito jurídico e do ativismo pelos direitos civis das pessoas LGBTQIA+, e de que elas sejam formadas com base em vivências ou expectativas de preconceito e discriminação.

Portanto, pesquisas futuras devem focalizar a investigação e a construção de estratégias de acolhimento e acompanhamento psicológico de casais homoafetivos que visam adotar no sistema adotivo brasileiro. A realidade de homossexuais no âmbito da parentalidade ainda carrega marcas de sofrimento decorrentes dos estigmas sociais contra essa população, e, apesar da riqueza de estudos que revelam esse cenário, a literatura ainda traz poucos trabalhos sobre práticas profissionais possíveis nesse contexto. Torna-se nossa responsabilidade da psicologia e das ciências sociais promover o protagonismo aos casais homoafetivos que desejam adotar e viver a experiência de constituir uma família, além de produzir e divulgar informações que sirvam como recursos para a formulação de políticas públicas voltadas para populações minoritárias que têm seus direitos, muitas vezes, negligenciados.

6 Referências

- Bardin, L. (2004). *Análise de Conteúdo*. Lisboa Edições 70.
- Blankenheim, T., Oliveira-Menegotto, L. M. D., & Silva, D. R. Q. D. (2018). Homoparentalidade: um diálogo com a produção acadêmica no Brasil. *Fractal: Revista de Psicologia*, 30, 243-249. <https://doi.org/10.22409/1984-0292/v30i2/5560>
- Cerqueira-Santos, E. (2019). Família e diversidade sexual: relacionamentos homoeróticos, conjugalidade e parentalidade. In M. L. M. Teodoro & M. N. Baptista (Orgs.), *Psicologia de família: teoria, avaliação e intervenção* (2ª ed., Cap. 14, pp. 138-146). Artmed Editora.

- Chaparro Piedrahíta, L. J., & Guzmán Muñoz, Y. M. (2017). Adopción homoparental: Estudio de derecho comparado a partir de las perspectivas de los países latinoamericanos que la han aprobado. *Revista CES Derecho*, 8(2), 267-297. <https://doi.org/10.21615/cesder.8.2.4>
- Corrêa, M. E. C. (2012). *Duas mães? Mulheres lésbicas e maternidade* (Tese de doutorado). Universidade de São Paulo – USP, São Paulo, SP, Brasil. <https://doi.org/10.11606/T.6.2012.tde-29042012-124625>
- Da Silva Filho, A. L. (2017). Adoção Homoparental, um direito omitido, reivindicado por famílias invisíveis. *Cadernos de Gênero e Diversidade*, 3(1). <https://doi.org/10.9771/cgd.v3i1.17503>
- de Oliveira, F. M. R., & Musacchio, C. D. S. S. (2018). A adoção homoparental à luz do Direito brasileiro e italiano. *Revista de Estudos Constitucionais, Hermenêutica e Teoria do Direito (RECHTD)*, 10(2), 5. <https://doi.org/10.4013/rechtd.2018.102.10>
- do Espírito Santo, Érica Silva. (2013). *Adoção homoparental e diferença sexual* (Tese de mestrado). Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, Belo Horizonte, MG, Brasil. Recuperado de: https://www.academia.edu/26421692/Adoção_homoparental_e_diferença_sexual
- Figueira, D. C. (2013). A adoção no âmbito da parentalidade homoafetiva. *E-cadernos ces*, (20). <https://doi.org/10.4000/eces.1658>
- França, C. P. (2001). O que eu queria mesmo era ter nascido da barriga da mamãe. *Psychê*, (8), 79-94. Recuperado de: <https://www.redalyc.org/pdf/307/30700806.pdf>
- Freire, L., & Cardinali, D. (2012). O ódio atrás das grades: da construção social da discriminação por orientação sexual à criminalização da homofobia. *Sexualidad, Salud y Sociedad (Rio de Janeiro)*, 37-63. <https://doi.org/10.1590/1982-3703003216273>
- Freires, L. A., Loureto, G. D. L., Rezende, A. T., & Soares, A. K. D. S. (2021). Contrastando Opiniões acerca da Adoção de Crianças por Casais Hétero e Homossexuais. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 41. <https://doi.org/10.1590/1982-3703003216273>
- Gates, G. J., Badgett, M. V., Macomber, J. E., & Chambers, K. (2007). Adoption and foster care by gay and lesbian parents in the United States. <https://doi.org/10.1037/e690872011-001>
- Kenyon, G. L., Chong, K. A., Enkoff-Sage, M., Hill, C., Mays, C., & Rochelle, L. (2003). Public adoption by gay and lesbian parents in North Carolina: Policy and practice. *Families in Society*, 84(4), 571-575. <https://doi.org/10.1606/1044-3894.138>
- Lima, D. M. (2017). A adoção por casais homoafetivos no Brasil como aspecto inovador do direito das famílias. *Congresso Internacional de Direitos Difusos*. Campina Grande, PB, Brasil, 1. Recuperado de: <https://www.editorarealize.com.br/index.php/artigo/visualizar/31606>
- Lipp, L. K., Mello, A. B. G., & Ribeiro, M. M. (2011). O patinho feio no imaginário parental. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, 14, 275-291. <https://doi.org/10.1590/S1516-14982011000200008>

- Machin, R. (2016). Homoparentalidade e adoção:(Re) afirmando seu lugar como família. *Psicologia & Sociedade*, 28, 350-359. <https://doi.org/10.1590/1807-03102016v28n2p350>
- Pedra, C. B. (2012). A luta pela criminalização da homofobia e o histórico da adoção homoparental no Brasil. *Revista LEVS*, (10). <https://doi.org/10.36311/1983-2192.2012.v0n10.2635>
- Pessôa, J. D., & Ramos, C. E. (2017). ADOÇÃO HOMOPARENTAL, RELIGIÃO E PRECONCEITO: UM ESTUDO COM UNIVERSITÁRIAS EM BOA VISTA, RORAIMA. *ABRAPSO*, 14. Recuperado de: https://site.abrapso.org.br/wp-content/uploads/2021/09/colecao_encontros_volume1.pdf
- Pimentel, A. P. S. (2016). *Para além da tua moldura: a produção de sentidos sobre famílias por casais homossexuais* (Tese de mestrado). Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, Recife, PE, Brasil. Recuperado de: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/19016>
- Ribeiro, E. M. C., Martins, F. H. S., & Teixeira-Filho, F. S. S. (2017). Possibilidades de aprisionamentos e de dissidências na adoção de crianças e adolescentes. *Parrésia: Revista Discente de Psicologia*, 1(1), 22-22. Recuperado de: <https://seer.assis.unesp.br/index.php/parresia/article/view/419>
- Ribeiro, J., de Souza, F. N., & Lobão, C. (2018). Saturação da análise na investigação qualitativa: quando parar de recolher dados?. *Revista Pesquisa Qualitativa*, 6(10), 3-7. Recuperado de: <https://editora.sepq.org.br/rpq/article/view/213>
- Rodrigues, G. R. C., & Toscano, G. S. (2017). Homoparentalidade e adoção no Brasil: uma revisão de literatura. *Revista Includere*, 3(1). Recuperado de: <https://periodicos.ufersa.edu.br/includere/article/view/7431>
- Rodriguez, B. C. (2017). *Parentalidade e adoção em casais de homens: uma análise psicanalítica vincular* (Dissertação de doutorado). Universidade de São Paulo – USP, São Paulo, SP, Brasil. <https://doi.org/10.11606/T.47.2017.tde-20042017-163319>
- Rodriguez, B. C., Merli, L. F., & Gomes, I. C. (2015). Um estudo sobre a representação parental de casais homoafetivos masculinos. *Temas em Psicologia*, 23(3), 751-762. <https://doi.org/10.9788/TP2015.3-18>
- Ryan, M., & Berkowitz, D. (2009). Constructing gay and lesbian parent families “beyond the closet?”. *Qualitative sociology*, 32(2), 153-172. <https://doi.org/10.1007/s11133-009-9124-6>
- Santos, J. V. D. O., Araújo, L. F. D., Negreiros, F., & Cerqueira-Santos, E. (2018). Adoção de crianças por casais homossexuais: As representações sociais. *Trends in Psychology*, 26, 139-152. <https://doi.org/10.9788/TP2018.1-06Pt>
- Silva, J. A. D., Sousa, A. M. B. D., & Fernandes-Eloi, J. (2017). Homoparentalidade no contexto da adoção e das práticas parentais: uma revisão sistemática. *Pensando famílias*, 21(2), 60-75. Recuperado de: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2017000200006&lng=pt&tlng=pt

- Teixeira, G. É. L., & Lima, F. M. (2019). Adoção homoparental no contexto social brasileiro. *Revista Direito Civil*, 1(2), 57-68. Recuperado de: <https://revistas.anchieta.br/index.php/RevistaDirCivil/article/view/1478>
- Toledo Neto, N. P. (2021). *Adoção homoafetiva* (Trabalho de conclusão de curso). Universidade de Taubaté - UNITAU, Taubaté, MG, Brasil. Recuperado de: <http://repositorio.unitau.br/jspui/handle/20.500.11874/5896>
- Wood, K. (2018). Families beyond boundaries: Conceptualising kinship in gay and lesbian adoption and fostering. *Child & Family Social Work*, 23(2), 155-162. <https://doi.org/10.1111/cfs.12394>
- Zambrano, E. (2007). Do privado ao público: a homoparentalidade na pauta do jornal Folha de São Paulo. *VII Reuniao Antropológica do Mercosul*.